

# II Simpósio Internacional de Inovação em Cadeias Produtivas do Agronegócio

Programa de Pós-Graduação em Administração e Campus Universitário de Vacaria -  
Polo de Inovação Tecnológica Campos de Cima da Serra

26 e 27 de agosto

## COMPETITIVIDADE EM CADEIAS PRODUTIVAS: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Adriane Bruchez, Marta Elisete Ventura da Motta

**RESUMO:** Com o advento da globalização nos negócios, a competitividade torna-se cada vez mais acirrada. Dentro desta perspectiva, empresas se unem em cadeias produtivas para competir em grupos, onde cada uma cumpre seu papel para o bom funcionamento do todo. Dessa forma este estudo teve como objetivo realizar uma análise bibliométrica, com vistas a identificar em que ano houve aumento nas discussões sobre competitividade em cadeias produtivas; tipos de estudos; metodologias aplicadas; principais resultados; existência de núcleos de pesquisa; e principais autores citados. Para tanto, o estudo é caracterizado como bibliometria, qualitativa e quantitativa, com caráter exploratório. Assim, foram identificados quinze estudos que tratam da competitividade em cadeias produtivas, sendo dez dissertações e cinco teses. As obras mais citadas são Van Duren, Martin e Westgren (1991), e Ferraz, Kupfer, e Haguenaer (1996). Em onze estudos os autores elaboraram seu próprio questionário, tomando como base modelos já existentes na literatura, ou ainda, definindo seus próprios direcionadores da competitividade. Foi possível identificar ainda a existência do Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais (GEPAI) na Universidade Federal de São Carlos, com seis estudos sobre o tema, e a existência de similaridade nos problemas das cadeias produtivas conforme a região em que elas estão situadas.

**Palavras-chave:** Competitividade; Cadeia produtiva; Análise Bibliométrica.

### 1 INTRODUÇÃO

Após a intensificação da competição no mercado ao longo das últimas décadas, é possível identificar que, em todos os campos, as organizações necessitam de estratégias para oferecer valor superior aos clientes. Além de a competição ocorrer entre as organizações, ela é percebida ainda entre os países, em busca de manter níveis de prosperidade e acelerar o desenvolvimento social, bem como entre setores de toda a sociedade onde as necessidades crescentes disputam recursos escassos (PORTER, 2009).

Nesse sentido, ocorre uma mudança de foco, de uma visão isolada de unidade produtiva competitiva, para uma visão mais abrangente de grupos de empresas que competem unidas no mercado (HANSEN, 2004; PEDROZO; HANSEN, 2001; FLEURY; FLEURY, 2000; PORTER, 1993). Esses grupos de empresas podem ser denominados de maneiras distintas, sendo eles: cadeias, clusters, redes, ou alianças (PEDROZO; HANSEN, 2001).

Assim, a cadeia produtiva é uma sequência de operações que conduzem à produção de bens, cuja articulação é influenciada pela tecnologia, e definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização de seus lucros. As relações entre esses agentes são de complementaridade, tornando a cadeia um sistema capaz de assegurar sua própria transformação (ZILBERSZTAJN, 2000).

Dessa forma, torna-se indispensável analisar o desempenho da cadeia como um todo, bem como de seus elos de forma individual, considerando os fatores determinantes de competitividade (COUTINHO; FERRAZ, 2002). Para as empresas permite conhecer qual a melhor forma de atuar no mercado, além da obtenção de ganhos na coordenação dos elos da cadeia (MELZ, 2010). As análises da competitividade possibilitam ainda obter informações e conhecimento a cerca de: forma como otimizar o emprego de fatores de produção, como terra, capital e trabalho; escolha das tecnologias; escalas de produção; controle de receitas e custos; mercado e demanda; e fortalecimento das instituições de apoio. Sendo assim, são análises decisivas para o desempenho econômico positivo das cadeias produtivas agroindustriais (SOUZA, 2014a).

À medida que, para o poder público, o conhecimento dos determinantes da competitividade permite o estabelecimento de políticas públicas que melhoram a eficiência da cadeia como um todo, facilitando o acesso das empresas aos mercados interno e externo (MELZ, 2010). Além disso, o estudo da competitividade torna-se relevante nas análises das cadeias agroindustriais, pois permite a identificação dos pontos de estrangulamento nas estruturas de custos que possam ser decorrentes de ineficiências de políticas relativas à tributação, aos encargos sociais, às políticas comerciais, às taxas de juros, e aos níveis de subsídios. Possibilita avaliar medidas que possam proporcionar a manutenção e a expansão da capacidade produtiva, tal como auxilia na tomada de decisão sobre políticas a serem adotadas (SOUZA, 2014a).

Dessa forma, buscou-se por meio deste estudo, realizar análise bibliométrica dos estudos que tratam da competitividade em cadeias produtivas, com vistas a identificar: em que ano houve aumento na quantidade de discussões sobre competitividade em cadeias produtivas; tipos de estudos; metodologias aplicadas; principais resultados; existência de núcleos de pesquisa; e principais autores citados.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Competitividade**

O conceito de competitividade tem sido definido na literatura de formas distintas, sendo que existem discussões no meio acadêmico em relação ao significado do termo. Isto se

deve à diversidade e dinamismo dos fatores que a influenciam, e acarretam maior complexidade à consolidação de um conceito amplamente aceito (DORNELES, 2011; FEURER; CHAHARBAGUI, 1994).

Entretanto, as definições de competitividade evoluíram a partir das discussões entre teóricos, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. Das formas tradicionais, que tratavam os determinantes da competitividade como relacionados diretamente ao comportamento individual das empresas, a competitividade passou a ser vista de forma ampla, considerando o ambiente como um todo, no qual a empresa está inserida e interage com os demais agentes para criar vantagem competitiva (SOUTO, 2008).

Dessa forma, existem pelo menos duas vertentes teóricas que tratam da competitividade. A primeira fundamenta-se de uma visão tradicional, que destaca o papel das empresas de forma individual na obtenção de vantagem competitiva. A competitividade de um país, região ou estado, é vista unicamente como resultado da competitividade das indústrias e dos demais agentes de forma individual. Isso significa que a fonte de vantagem competitiva surge a partir da forma como as empresas se organizam internamente e de sua capacidade de gerenciamento e controle sobre sua cadeia de valor (PORTER, 1989).

Em contrapartida, a segunda vertente teórica leva em consideração a influência do ambiente em que as empresas estão inseridas, onde se busca valor agregado e não somente a questão de preço, custo e taxa de câmbio como na visão tradicional. Nesta nova visão, é criado um sistema cujas partes estão interligadas, e, portanto, surge o conceito de competitividade sistêmica. Dessa forma, a competição não ocorre mais entre empresas, mas sim, entre sistemas produtivos, esquemas institucionais, organizações sociais, entre outros (FAJNZYLBBER, 1992).

Portanto, de acordo com o relatório da competitividade global do Fórum Econômico Mundial (WEF, 2014), competitividade é um conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país, o qual estabelece o nível de prosperidade que pode ser alcançado na economia. Isso significa que economias competitivas tendem a maximizar a produção de riquezas para os seus cidadãos, gerando bem-estar por meio da sua capacidade de sustentar níveis elevados de renda (WAHEEDUZZAMAN, 2002).

Por meio da visão da competitividade como um sistema, a colaboração no negócio já não se limita a alianças de duas empresas convencionais, mas sim, grupos de empresas que estabelecem relação de parceria por um objetivo comum, que é a competitividade. Os diferentes tipos de arranjos que surgem a partir das parcerias apresentam condições de formação e constituição diversas, sendo elas por meio de: cadeias produtivas (*Commodity*

*System Approach* (CSA), *Filière* - cadeia agroindustrial de produção); redes; *clusters*; ou gerenciamento da cadeia de suprimentos. Este estudo trata especificamente da competitividade em cadeia produtiva, a qual, não deve ser vista ou interpretada de maneira isolada, pois as consequências das ações dos atores presentes na rede afetam a competitividade de todos os envolvidos, bem como das demais cadeias produtivas dependentes dela (SLACK, 1993).

## 2.2 Cadeia Produtiva

O termo cadeia produtiva teve origem dos estudos da economia industrial francesa, que confere inclinação aos aspectos de distribuição de um determinado produto industrial, diferentemente do antigo modelo de criação de competitividade onde o privilégio era dado a variável preço no processo de coordenação do sistema (BATALHA, 1998). Dessa forma, cadeia produtiva é uma sequência de operações que conduzem à produção de bens, e sua articulação é influenciada pela fronteira de possibilidades estabelecidas pela tecnologia, além de ser definida pelas estratégias dos agentes que buscam a maximização de seus lucros. As relações entre os agentes são de complementaridade, e são definidas por forças hierárquicas, o que torna a cadeia um sistema capaz de assegurar sua própria transformação (ZILBERSZTAJN, 2000). Essa articulação entre diversas fases do processo produtivo, que envolve desde insumos básicos, a produção, distribuição, comercialização e colocação do produto final ao consumidor, compõe elos de uma corrente, sendo que esses elos são denominados de cadeia produtiva (MALAFAIA et al., 2006).

O estudo das integrações nas cadeias produtivas fundamenta-se em cinco conceitos básicos: verticalidade, pelo qual os elos são influenciados mutuamente; orientação pela demanda, que por sua vez gera as informações que determinam os fluxos de produtos e serviços; coordenação dentro dos canais, estabelecendo relações verticais dentro dos canais de comercialização, seja por meio de contratos ou mercado aberto; competição dos canais, considerando-se que o sistema pode envolver mais de um canal de produção, transformação, e comercialização; alavancagem, pois visa identificar pontos-chaves na sequência produção-consumo; e por fim, os pontos de estrangulamento (STAAZ, 1997).

De acordo com Batalha (1995) a cadeia produtiva demanda conhecimento e tecnologias, com o intuito de reduzir o impacto das limitações de seus atores sociais, ou melhorar a qualidade e a eficiência produtiva, beneficiando assim o consumidor final e os demais grupos de atores sociais da cadeia. Sua estrutura permite realizar a análise de um determinado produto que atinge um estágio intermediário de produção. A produção de óleo de soja, por exemplo, pode ser tratada como intermediária quando considerada a produção de

maionese e margarina, mas que mesmo assim, é considerado também um produto que pode ser comercializado, e, portanto, possui valor potencial e real de mercado e que pode ser analisado separadamente (BATALHA, 2001).

Assim, o modelo gerencial da cadeia produtiva definida por Batalha e Silva (1999) indica que o encadeamento das operações de uma cadeia produtiva ocorre do produto final para a matéria-prima. De jusante para montante, sendo que os elos apresentados por eles são: produção de insumos; produção de matéria prima; indústria de processamento; e distribuição. Além dos elos apresentados por Batalha e Silva (1999), a cadeia produtiva é influenciada pelas instituições de apoio que participam na melhoria das condições econômicas, sociais, tecnológicas e legais. A definição e o entendimento da cadeia produtiva possibilita agregar os diferentes atores que fazem parte do processo produtivo, fortalecendo a sinergia entre organizações públicas e privadas (CASTRO et al., 1994; CASTELLANOS et al., 2009).

### **3 METODOLOGIA**

Quanto à abordagem, o presente estudo é caracterizado como qualitativo e quantitativo, haja vista que a pesquisa quantitativa caracteriza-se por sua objetividade, pela análise de dados numéricos e a aplicação de testes estatísticos (COLLIS; HUSSEY, 2005). Já o caráter qualitativo é atribuído à preocupação com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2003). Portanto, busca-se, por meio de leitura da metodologia aplicada e dos resultados obtidos pelos estudos analisados, identificar similaridades entre os mesmos que não são quantificáveis, mas sim, passíveis de análise e interpretação dos pesquisadores.

Em relação aos objetivos, a pesquisa é caracterizada como descritiva e exploratória, dado que a pesquisa exploratória aprofunda os conhecimentos das características de determinado fenômeno para procurar explicações das suas causas e consequências, (RICHARDSON, 1999), ao passo que, as pesquisas descritivas objetivam analisar os fatos, descrevendo-os, classificando-os e interpretando-os (RUDIO, 1985).

Quanto aos procedimentos utilizados, o estudo é caracterizado como bibliometria, tratando-se de um conjunto de leis e princípios empíricos que contribuem para estabelecer os fundamentos teóricos da ciência (PRITCHARD, 1969). Para tanto, adotou-se como orientação de busca, a 1ª Lei de Zipf da Bibliometria que consiste na ocorrência de palavras no texto (BUFREM; PRATES, 2005). Deste modo, como filtro de busca consideraram-se as dissertações e teses, presentes na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT), cujos títulos continham as palavras "competitividade" e "cadeia produtiva", pois entende-se que o título apresenta as características do estudo descrevendo se é pertinente ou

não ao tema pesquisado (DELLA; ENSSLIN; ENSSLIN, 2012). Não houve filtragem do período inicial e final de busca, sendo que o filtro foi aplicado em quinze de fevereiro de 2016, e, portanto, os estudos encontrados foram publicados até esta data.

A análise das citações dos estudos filtrados foi realizada mediante leitura do referencial teórico, referente somente aos temas competitividade e cadeia produtiva, e posteriormente, foi efetuada tabulação das citações no programa Microsoft Excel. Em seguida, foi realizada a contagem de frequência com que os autores são citados. Já a análise dos resultados obtidos pelos estudos e da metodologia aplicada, foi realizada mediante leitura dos mesmos, e análise qualitativa de conteúdo, onde se realizou um recorte dos principais resultados encontrados, agrupando-os em planilhas para posterior comparação.

#### **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Por meio deste estudo foi possível identificar em que ano houve aumento na quantidade de discussões e na preocupação com o tema competitividade em cadeias produtivas, e verificar: se em sua maioria são teses ou dissertações; metodologias aplicadas; principais resultados; existência de núcleos de pesquisa sobre o tema; e os principais autores citados pelos estudos. Dessa forma, foram encontrados 15 estudos que tratam da competitividade em cadeias produtivas, sendo 10 dissertações, e 5 teses.

Assim, foi possível identificar por meio do presente estudo, que os autores com maior frequência de citações são: “*Assessing the competitiveness of Canada's agrifood industry*”, de Van Duren, Martin e Westgren (1991), citada em 9 estudos; “*Made in Brazil - Desafios competitivos para a indústria*”, de Ferraz, Kupfer, e Haguenuer (1996), citada em 9 estudos; e “*Competitividade em Sistemas Agroindustriais: Metodologia e Estudo de Caso*” de Silva e Batalha (1999), citado em 7 estudos.

Em relação à metodologia de análise da competitividade das cadeias produtivas, foi possível identificar por meio do Quadro 1, que a Matriz de Análise de Políticas (MAP) foi aplicada em três estudos. O objetivo da MAP é medir a competitividade em termos de produtividade e eficiência, subtraindo-se os gastos com essa produção, e chegando a lucratividade que indica se há competitividade ou não (LOPES et al., 2012). Por outro lado, em 11 dos 15 estudos os autores elaboraram seu próprio questionário ou roteiro de entrevista, tomando como base modelos já existentes na literatura, como os direcionadores de Van Duren, Martin, e Westgren (1991), e Coutinho e Ferraz (2002), ou ainda, definindo seus próprios direcionadores da competitividade; já o estudo de Perez (2003), fundamenta-se nos fatores e no questionário de Van Duren et al. (1991) e adaptado por Silva e Batalha (2000).

Ao analisar o Quadro 1 foi possível identificar ainda a existência de um grupo de pesquisa com representatividade em estudos sobre o tema competitividade em cadeias produtivas. Dos 15 estudos analisados, 6 foram realizados pela Universidade Federal de São Carlos, por intermédio do Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais (GEPAI) na universidade. Além disso, pode-se verificar que a preocupação com o tema começou a obter maior espaço em teses e dissertações em 2003, e continuam até 2014, sendo que em quase todos os anos houve pelo menos um estudo sobre o tema após 2003.

Quadro 1 - Análise bibliométrica sobre competitividade em cadeias produtivas

(continua)

Título	Origem	Metodologia aplicada
Análise comparativa de eficiência e competitividade econômica entre as cadeias produtivas do sisal ( <i>agave sisalana</i> ) no Brasil e fique ( <i>furcraea andina</i> ) na Colômbia.	Juan Fernando Zuluaga Orrego Universidade Federal do Ceará – Fortaleza – CE Dissertação 2013	Matriz de Análise de Políticas (MAP); dados secundários e informações de campo obtidas a partir de entrevistas qualitativas semiestruturadas.
Análise da competitividade da cadeia produtiva da soja no Brasil vis-à-vis os demais países exportadores Sul-americanos	Gustavo Galvão de Miranda Pinazza Universidade Federal de São Carlos- São Carlos – SP Dissertação, 2008	Qualitativa; procedimento: pesquisa rápida; entrevistas semiestruturadas. Análise SWOT. Questionário criado pelo autor.
Análise dos direcionadores da competitividade para a cadeia produtiva de biodiesel: o caso da mamona	Aldara da Silva César Universidade Federal de São Carlos- São Carlos – SP Dissertação 2009	Estudo de múltiplos casos; método de pesquisa rápida; Qualitativa; exploratória; questionário semiestruturado; casos por conveniência. Questionário criado pelo autor.
Avaliação da viabilidade da carcinicultura marinha no estado de São Paulo: uma análise a partir de indicadores de competitividade de cadeia produtiva	Thelma Lucchese Universidade Federal de São Carlos- São Carlos – SP Dissertação 2003	Método de pesquisa rápida. Questionário criado pela autora, com base em direcionadores de Van Duren, Martin, e Westgren (1991), e adaptado por Silva e Batalha (2000). Qualitativo.
Competitividade da cadeia produtiva de arroz beneficiado do rio grande do sul e do Uruguai: um estudo utilizando a matriz de análise de políticas (MAP)	Ângela Rozane Leal de Souza Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre – RS Tese, 2014	Como instrumental metodológico utilizou-se a Matriz de Análises Políticas (MAP); quantitativa analisando dados da MAP, e qualitativo analisando sob o enfoque do modelo Diamante de Porter.
Competitividade da cadeia produtiva de carne de frango em Mato Grosso: avaliação dos segmentos de avicultura e processamento	Laércio Juarez Melz Universidade Federal de São Carlos – São Carlos – SP Dissertação 2010	Pesquisa rápida; questionário semiestruturado criado pelo autor a partir dos direcionadores utilizados por Batalha e Souza Filho (2009). Qualitativo; escala likert quantitativa analisando as respostas por contagem de frequência.
Competitividade da cadeia produtiva do coco: visão dos extensionistas da EMATER/RN na mesorregião Leste potiguar do Rio Grande do Norte	Dione Vicente da Silva Universidade Federal do Rio Grande do Norte Dissertação 2009	Exploratória e descritiva; quantitativo; <i>survey</i> com 35 entrevistados por meio de escala <i>likert</i> . Fatores escolhidos não seguem um modelo específico presente na literatura. Questionário criado pelo autor.
Competitividade da cadeia produtiva vitivinícola do RS	Vinicius Triches Universidade Federal de Santa Catarina- Florianópolis –SC Dissertação 2007	Entrevistas semiestruturadas com representantes dos elos da cadeia; análise qualitativa de conteúdo. Fatores não segue modelo específico presente na literatura. Questionário criado pelo autor.
Competitividade, eficiência econômica e efeitos de políticas em diferentes níveis tecnológicos na cadeia produtiva do leite em pó integral no Rio Grande do Sul: uma análise do método da Matriz de Análise de Políticas (MAP).	João Batista de Freitas Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS Tese 2013	Método da Matriz de Análise de Políticas (MAP), qualitativo e quantitativo.

(conclusão)

<b>Título</b>	<b>Origem</b>	<b>Metodologia aplicada</b>
Competitividade internacional, produtividade e padrão distributivo na cadeia produtiva da carne bovina.	Alinne Alvim Franchini Universidade Federal de Viçosa, Viçosa- MG Tese 2006	Utilização de indicadores de competitividade, de desempenho, e de eficiência. Mensura a competitividade a partir da observação da evolução de custos de produção, rentabilidade e remuneração. Questionário criado pelo autor.
Diagnóstico da competitividade na cadeia produtiva de carne de rã-touro no Estado do Rio de Janeiro	Luiziane Teixeira de Carvalho Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG Tese 2011	30 entrevistas. Questionários elaborados pela autora, utilizando como base os fatores dos estudos de Silva e Batalha (2000). Pesquisa rápida.
Fatores críticos da competitividade da cadeia produtiva da carne bovina do Estado de São Paulo	Fabiano Ribeiro Tito Rosa Universidade Federal de São Carlos, SP Dissertação 2009	Pesquisa rápida; entrevistas semiestruturadas. Questionário elaborado pelo autor.
Fatores críticos da competitividade da cadeia produtiva do ovo no Estado de São Paulo	Sergio Kenji Kakimoto Universidade Federal de São Carlos, SP Dissertação 2011	Qualitativa e quantitativa; pesquisa rápida; 25 entrevistas; questionário criado pelo autor, semiestruturado adaptado de Batalha (2001) e Pigatto (2001).
Ovinocultura de corte em Goiás: uma análise da competitividade da cadeia produtiva	Kleber Rodovalho de Souza Universidade Federal de Goiás, Goiânia Dissertação 2014	Exploratória e descritiva; 78 entrevistados; qualitativa e quantitativa; norteadas pelos fatores determinantes da competitividade de Coutinho e Ferraz (2002). Questionário elaborado pelo autor.
Uma análise exploratória da competitividade e agregação de valor da cadeia produtiva de carne bovina no Brasil, com ênfase no segmento de abate e processamento.	Ronaldo Perez Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP Tese 2003	Pesquisa de campo com os representantes dos elos da cadeia; questionário de Van Duren et al., 1991 e adaptado por Silva e Batalha (2000)

Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Quanto aos resultados apresentados pelos estudos analisados no Quadro 1, buscou-se identificar as semelhanças das dificuldades ou pontos fracos das cadeias produtivas, assim como os pontos fortes para posterior comparação. Assim, ao analisar a cadeia produtiva da soja no Brasil, Pinazza (2008) conclui que a soja é competitiva, porém, apesar dos investimentos em P&D, enfrenta pragas que reduzem a produtividade, assim como problemas com questões ambientais, transporte e armazenagem (áreas de produção ficam distantes dos portos marítimos de escoamento). Da mesma forma, a cadeia produtiva da carcinicultura marítima em São Paulo, Lucchese (2003) identifica que para buscar maior competitividade é necessário o direcionamento dos esforços para os elos de processamento e distribuição.

Além disso, Melz (2010), que analisa a competitividade da cadeia produtiva de carne de frango em Mato Grosso, conclui que os insumos são mais baratos na região analisada, porém, devido às distâncias dos portos e da falta de outros modais, o escoamento da produção para o mercado internacional é prejudicado.

No mesmo sentido, Kakimoto (2011) que analisa a cadeia produtiva do ovo em São Paulo, indica que é competitiva pelo entendimento das análises dos direcionadores gestão da firma e tecnologia que têm revelado contribuição favorável, assim como a infraestrutura é

considerada positiva e contribui para o desenvolvimento. Demais fatores como estrutura de mercado, coordenação e ambiente institucional têm comportamento neutro. Em contrapartida, os pontos negativos são: frete de insumos, logística de transporte de insumos, dificuldade de formação de preços dos fornecedores. Direcionadores dependentes de decisão individual são favoráveis, entretanto, os coletivos e organismos governamentais são desfavorável, o que indica a falta de iniciativas de associativismo, bem como de empenho governamental no setor, devido à falta de iniciativas que gerem aumento do mercado consumidor, aumento de exportação, e criação de programas de financiamento para renovação das instalações avícolas.

Por outro lado, César (2009), que analisa a cadeia produtiva do biodiesel de mamona, indica que a cadeia enfrenta dificuldades no campo, quais sejam: baixa escala de produção; dispersão espacial das famílias assistidas; restrições tecnológicas; baixa produtividade; manejo inadequado; elevada sazonalidade de produção; secas prolongadas e irregulares; assistência técnica deficitária; preços instáveis; falta de tradição em associativismo; alto nível de endividamento dos agricultores; e dificuldade de acesso a crédito rural. Dessa forma, o estudo de Silva (2009), realizado na região Nordeste do Brasil, apresenta como maior entrave da cadeia produtiva do coco: o baixo preço do produto; os elevados custos do processo produtivo; a falta de apoio aos produtores com relação à assistência técnica; pouco estímulo à qualidade; e pouca conscientização dos benefícios de parcerias, associações e cooperativas.

No mesmo sentido, na cadeia produtiva da carne de corte ovina em Goiás, analisada por Souza (2014b), foram observados problemas como: a falta de estratégias e formas de gestão da produção; a baixa capacitação para inovação e produção; alto grau de abate informal e deficiências na configuração da indústria; baixa quantidade de P&D; fiscalização sanitária ineficiente; baixos incentivos para investimento; falta de programas de apoio ao desenvolvimento, permitindo a entrada da carne importada em larga escala. Já os fatores positivos conforme o autor afirma que são: o alto grau de liquidez; necessidade de menores áreas para a produção; atributos da carne (sabor, maciez, textura); alta demanda; alta rentabilidade; baixa incerteza; alta produtividade; regularidade do crescimento do mercado; baixo nível de exigência dos consumidores; preço dos produtos substitutos. Dessa forma, o autor constata que a competitividade da ovinocultura de corte é baixa em Goiás.

Em contrapartida, Triches (2007), que analisa a competitividade da cadeia produtiva vitivinícola do Rio Grande do Sul, verificou que a cadeia é afetada negativamente pela política tributária do país. Entretanto, há pontos positivos na cadeia, sendo eles: boa estrutura tecnológica e estratégica; melhorias na qualidade dos produtos; existem diferentes financiamentos para os segmentos produtivos da cadeia; legislação adequada. Da mesma

forma, Souza (2014a), que analisa a cadeia do arroz, identifica que a cadeia é competitiva tanto no Rio Grande do Sul quanto no Uruguai. Embora a carga tributária, os encargos sociais e o custo de oportunidade do capital sejam elevados em ambas às cadeias analisadas, pode-se observar que são mais elevadas no Rio Grande do Sul do que no Uruguai, o que representa uma desvantagem em termos de competitividade para o Rio Grande do Sul.

As mesmas dificuldades são encontradas nos resultados da pesquisa de Freitas (2013), que analisa a cadeia produtiva de três variações de leite em pó integral no Rio Grande do Sul, evidenciam que as três cadeias apresentam ganhos na forma de lucros privados. No entanto, os agentes foram liquidamente taxados, tendo os valores dos lucros reduzidos. Além disso, a cadeia mais intensiva em uso de insumos modernos apresentou efeitos penalizadores de políticas tributárias do que aquelas com menores índices de inovação. Dessa forma, as cadeias se mostraram competitivas, porém, as políticas públicas de incentivo a inovação e as políticas de tributação se mostraram desfavoráveis para a cadeia.

Assim também Orrego (2013), que analisa a competitividade da cultura do sisal e do fique em nível de país, constata que, dos 12 indicadores que permitem realizar comparações de eficiência e competitividade, 8 favorecem ao Brasil e 6 à Colômbia. No entanto, a Colômbia é, mas eficiente em termos privados e o Brasil apresenta melhor desempenho em termos sociais, sendo que no Brasil, as políticas tributárias e subsídios são desfavoráveis à cultura. Ambas as cadeias apresentam índices baixos de eficiência e competitividade o que as torna vulneráveis a fatores externos.

Igualmente, o estudo de Rosa (2009) analisa a cadeia produtiva da carne bovina de São Paulo, onde se verificou que na comparação com outros estados, a oferta relativamente reduzida de recursos e insumos, os custos de produção elevados e a tributação afetam negativamente a competitividade da cadeia produtiva de São Paulo. Já as condições de infraestrutura e logística, o acesso e a incorporação de tecnologia e o nível de gestão das firmas são fatores favoráveis à competitividade paulista.

Franchini (2006) analisa a cadeia produtiva da carne bovina brasileira por meio de indicadores de vantagem comparativa, pelos quais pode-se identificar que nos segmentos de carne bovina in natura e carne industrializada houve crescimento das participações das exportações nacionais com respeito às exportações agrícolas mundiais, e num âmbito mais geral, com relação às exportações totais brasileiras em relação às exportações totais mundiais. A média das exportações brasileiras passou de 18,4% em 1990/94 para 25,6% em 1995/99.

Já a cadeia produtiva de carne de rã-touro do Rio de Janeiro, analisada por Carvalho (2011), apresentou dificuldades como: a produção foi avaliada como insuficiente o que gera

custos elevados de abate e comercialização, e abrindo espaço ao abate clandestino, e inviabiliza a fabricação de produtos industrializados; o preço elevado do produto final restringe o mercado e comercialização; falta de assistência técnica; falta de treinamentos para os produtores; falta de programas de crédito para este segmento; e o principal gargalo é a indústria, em função desse segmento não conseguir coordenar a cadeia.

Para Perez (2003), em sua análise da competitividade e agregação de valor da cadeia produtiva da carne bovina no Brasil, a cadeia apresentou níveis de competitividade e agregação de valor baixos. Deve-se considerar, que a carne bovina no Brasil possui maior competitividade como commodity, o que denota procura por preço, e não por meio de agregação de valor ao consumidor.

Assim, após analisar os resultados dos 15 estudos filtrados, pode-se observar que existe similaridade nos problemas das cadeias produtivas conforme a região em que elas estão situadas. As cadeias produtivas localizadas na região Nordeste do país, por exemplo, possuem problemas relacionados ao elo de produção, sendo elas: restrição tecnológica, baixa produtividade, manejo inadequado, falta de assistência técnica, preços instáveis, falta de associativismo, alto nível de endividamento dos agricultores, e dificuldade de crédito rural.

Em contrapartida, as cadeias produtivas do Rio Grande do Sul são afetadas pelas políticas tributárias. No Mato Grosso os insumos são mais baratos, porém com altos custos com escoamento de produção. Já em São Paulo existe deficiência quanto à oferta de recursos e insumos, custos de produção elevados, e alta tributação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo teve como objetivo realizar uma análise bibliométrica, com vistas a identificar: em que ano houve aumento nas discussões sobre competitividade em cadeias produtivas; tipos de estudos; metodologias aplicadas; principais resultados; existência de núcleos de pesquisa; e principais autores citados.

Dessa forma, foram encontrados 15 estudos que tratam da competitividade em cadeias produtivas, sendo 10 dissertações, e 5 teses. Além disso, pode-se perceber, que as obras mais citadas pelos estudos analisados são: “*Assessing the competitiveness of Canada's agrifood industry*”, de Van Duren, Martin e Westgren (1991), citada em 9 estudos; e “*Made in Brazil - Desafios competitivos para a indústria*”, de Ferraz, Kupfer, e Haguenaer (1996), citada em 9 estudos.

Em relação à metodologia de análise da competitividade das cadeias produtivas, foi possível identificar que a Matriz de Análise de Políticas (MAP) foi aplicada em três estudos. Por outro lado, em 11 dos 15 estudos os autores elaboraram seu próprio questionário ou

roteiro de entrevista, tomando como base modelos já existentes na literatura, ou ainda, definindo seus próprios direcionadores da competitividade.

Foi possível identificar ainda a existência de um grupo de pesquisa com representatividade em estudos sobre o tema competitividade em cadeias produtivas, haja vista que dos 15 estudos analisados, 6 foram realizados pela Universidade Federal de São Carlos, por intermédio do Grupo de Estudos e Pesquisas Agroindustriais (GEPAI). Além disso, pode-se verificar que a preocupação com o tema começou a obter maior espaço em teses e dissertações em 2003, e continuam até 2014.

Após analisar os resultados dos 15 estudos, pode-se observar que existe similaridade nos problemas das cadeias produtivas conforme a região em que elas estão situadas. As cadeias produtivas localizadas na região Nordeste do país, por exemplo, possuem problemas relacionados ao elo de produção, em termos de tecnologias e mão de obra especializada. Em contrapartida, as cadeias produtivas do Rio Grande do Sul são afetadas pelas políticas tributárias, possuindo vantagem competitiva em termos de tecnologia e mão de obra.

## REFERÊNCIAS

BATALHA, M. O. As cadeias de produção agroindustriais: uma perspectiva para o estudo das inovações tecnológicas. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 30, n. 42, p. 43-50, 1995.

BATALHA, M. O. **Cadeias Agroindustriais: definições e aplicações**. Notas de aula. Dep/UFSCar. São Carlos, 1998.

BATALHA, M. O. (Org.) **Gestão Agroindustrial**. 2 ed. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 23-62, 2001.

BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. Gestão de cadeias produtivas: Novos aportes teóricos e empíricos. In: GOMES, M. F.; COSTA, F. A. (Dês)equilíbrio econômico & Agronegócio. Viçosa: UFV, 1999.

BUFREM, L.; PRATES, Y. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 9-25, 2005.

CARVALHO, L. T. de. **Diagnóstico da competitividade na cadeia produtiva de carne de rã-touro no Estado do Rio de Janeiro**. 2011. 124 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologia de Alimentos, Viçosa, 2011. Disponível em:<<http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/453/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

CASTELLANOS, O. F.; TORRES, L. M.; ROJAS, J. C. **Agenda prospectiva de investigación y desarrollo tecnológico para la cadena productiva de fique en Colombia**.

Ministerio de Agricultura y Desarrollo Rural: Bogotá D.C, 2009. Disponível em: <[http://www.bdigital.unal.edu.co/2078/1/2009\\_Agenda\\_Fique.pdf](http://www.bdigital.unal.edu.co/2078/1/2009_Agenda_Fique.pdf)> Acesso em: 20 mar. 2016.

CASTRO, A. M. G. de; PAEZ, M. L. A.; COBBE, R. V.; GOMES, D. T.; GOMES, G. C. Demanda: Análise Prospectiva do Mercado e da clientela de P&D em Agropecuária. In: **Gestão de Ciência e Tecnologia**: Pesquisa Agropecuária. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Brasília, 1994.

CÉSAR, A. S. **Análise dos direcionadores de competitividade para a cadeia produtiva de biodiesel: o caso da mamona**. 2009. 188 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2009. Disponível em: <[http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2372](http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2372)>. Acesso em: 20 mar. 2016.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. 4 ed. São Paulo: Papirus, 2002.

DELLA, B. J. E.; ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R. Seleção e análise de um portfólio de artigos sobre avaliação de desempenho na cadeia de suprimentos. **Revista Gestão da Produção, Operações e Sistemas**, Ano 7, n. 1, p. 113-125, 2012.

DORNELES, D. V. R. **Análise da competitividade em empresas de desenvolvimento de software instaladas no TECNOPUC no Rio Grande do Sul**. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/1255>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

FAJNZYLBER, F. Industrialización en América Latina. De la caja negra al casillero vacío. **Revista Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 118, p. 21-28, 1992. Disponível em: <[http://www.unsa.edu.ar/histocat/haeconomica07/2088\\_1.pdf](http://www.unsa.edu.ar/histocat/haeconomica07/2088_1.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FEURER, R.; CHAHARBAGHI, K. Defining competitiveness: a holistic approach. **Management Decision**, v. 32, n. 2, p. 49-58, 1994.

FERRAZ, J. C.; KUPFER, D.; HAGUENAUER, L. **Made in Brazil** - Desafios competitivos para a indústria. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. **Estratégias Empresariais e Formação de Competências**: um quebra-cabeça caleidoscópico da Indústria Brasileira. São Paulo: Atlas, 2000.

FRANCHINI, A. A. **Competitividade internacional, produtividade e padrão distributivo na cadeia produtiva da carne bovina**. 2006. 128 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Universidade Federal de Viçosa, Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada, Viçosa, 2006. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/151>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

FREITAS, J. B. **Competitividade, eficiência econômica e efeitos de políticas em diferentes níveis tecnológicos na cadeia produtiva do leite em pó integral no Rio Grande do sul: uma análise do método da matriz de análise de políticas (MAP)**. 2013. 152 f. Tese (Doutorado em Agronegócio) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79525>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

HANSEN, P. **Um Modelo Meso-Analítico de Medição de Desempenho Competitivo de Cadeia Produtivas**. 2004. 353 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/9020/000459101.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 mar. 2016.

KAKIMOTO, S. K. **Fatores críticos da competitividade da cadeia produtiva do ovo no Estado de São Paulo**. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2011. Disponível em: <[http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5154](http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5154)>. Acesso em: 02 mar. 2016.

LOPES, Mauro, et al. **MAP- Matriz de Análise de Política Metodologia e Análise. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária**. Brasília, DF: EMBRAPA, 2012. Disponível em: <<http://livimagens.sct.embrapa.br/amostras/00052890.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

LUCCHESI, T. **Avaliação da viabilidade da carcinicultura marinha no estado de São Paulo: uma análise a partir de indicadores de competitividade de cadeia produtiva**. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2003. Disponível em: <[http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=112](http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=112)>. Acesso em: 20 de mar. 2016.

MALAFAIA, G. C.; MACIEL, C. A.; CAMARGO, M. E. Atitudes de coordenação de produtores rurais na cadeia da carne bovina: o caso do Cite 120. In: ENCONTRO DA ANPAD, 2006, Salvador. **Anais...** Salvador: Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2006.

MELZ, L. J. **Competitividade da cadeia produtiva de carne de frango em Mato Grosso: avaliação dos segmentos de avicultura e processamento**. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2010. Disponível em: <[http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=3144](http://www.bdttd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3144)>. Acesso em: 01 abr. 2016.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. Difíceis e possíveis relações entre métodos quantitativos e qualitativos nos estudos de problemas de saúde. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R. M. G.; GOMES, M. H. A. (Orgs.). **O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

ORREGO, J. F. Z. **Análise comparativa de eficiência e competitividade econômica entre as cadeias produtivas do sisal (Agave Sisalana) no Brasil e fique (Furcraea Andina) na Colômbia.** 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de Economia Agrícola, Fortaleza, 2013. Disponível em: < [http://www.teses.ufc.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=9306](http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9306)>. Acesso em: 09 mar. 2016.

PEDROZO, E.; HANSEN, P. Cluster, Filiere, Suply Chain, Redes Flexíveis: uma Análise Comparativa. In: **COLÓQUIO** “As Relações Econômicas Franco-Brasileiras / Coloque “Lês Relations Industrielles Franco-Bresiliennes”. Grenoble, France, Ecole Superieure des Affaires / Université Pierre Mendes – France – Grenoble, v. 2. p. 29-30, 2001.

PEREZ, R. **Uma análise exploratória da competitividade e agregação de valor da cadeia produtiva de carne bovina no Brasil, com ênfase no segmento de abate e processamento.** 2003. 336 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Alimentos) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000295932>>. Acesso em 02 fev. 2016.

PINAZZA, G. G. M. **Análise da competitividade da cadeia produtiva da soja no Brasil vis-à-vis os demais países exportadores Sul-americanos.** 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2008. Disponível em: < [http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1905](http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1905)>. Acesso em: 09 mar. 2016.

PORTER, M. E. **A vantagem competitiva das nações.** 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1993.  
PORTER, M. E. **Competição (On competition):** estratégias competitivas essenciais. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

PORTER, M. E. **Vantagem Competitiva:** criando e sustentando um desafio superior. 15 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, v. 25, n.4, p. 348-349, Dec. 1969.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, F. R. T. **Fatores críticos da competitividade da cadeia produtiva da carne bovina do Estado de São Paulo.** 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Feral de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, São Carlos, 2009. Disponível em: < [http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2364](http://www.bdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2364)>. Acesso em 01 abr. 2016.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, C. A. B.; BATALHA, M. O (Coords.). **Estudo sobre eficiência econômica e competitividade da cadeia agroindustrial da pecuária de corte no Brasil.** Brasília: IEL, 2000.

SILVA, D. V. da. **Competitividade da cadeia produtiva do coco**: visão dos extensionistas da EMATER/RN na mesorregião Leste Potiguar do Rio Grande do Norte. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Engenharia de Produção, Natal, 2009. Disponível em: < <http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/14934>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

SLACK, N. **Vantagem competitiva em manufatura**. São Paulo: Atlas, 1993.

SOUTO, K. C. **A cadeia produtiva da mamona no estado da Paraíba**: uma análise pós programa do biodiesel. 2008. 114 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Recife, 2008. Disponível em: < <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/5367>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SOUZA, A. R. L. de. **Competitividade da cadeia produtiva de arroz beneficiado do rio grande do sul e do Uruguai**: um estudo utilizando a matriz de análise de políticas (MAP). 2014a. 202 f. Tese (Doutorado em Agronegócio) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, Porto Alegre, 2014a. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95050>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

SOUZA, K. R. de. **Ovinocultura de corte em Goiás: uma análise da competitividade da cadeia produtiva**. 2014b. 140 f. Dissertação (Mestrado em Agronegócio) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Agronegócio, 2014b. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4052>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

STAAZ, J. M. **Notes on the use of subsector analysis as a diagnostic tool for linking industry and agriculture**. Michigan State University: Department of Agricultural Economics, 1997.

TRICHES, V. **Competitividade da cadeia produtiva viti-vinícola do RS**. 2007. 182 f. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Economia, Florianópolis, 2007. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/90419/245426.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

VAN DUREN, E.; MARTIN, L.; WESTGREN, R. Assessing the competitiveness of Canada's agrifood industry. **Canadian Journal of Agricultural Economics**, v. 39, n. 4, p. 727-738, 1991.

WAHEEDUZZAMAN, A. N. M. Competitiveness, Human Development and Inequality: A cross-national comparative inquiry. **Competitiveness Review**, v. 12, n. 2, p. 13-29, 2002.

WEF. World Economic Forum. **The Global Competitiveness Report 2014-2015**. 2014. Disponível em: < [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_GlobalCompetitivenessReport\\_2014-15.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_GlobalCompetitivenessReport_2014-15.pdf) >. Acesso em: 17 mar. 2016.

ZYLBERZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial In: ZYLBERZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Org.). **Economia e Gestão dos negócios agroindustriais**. São Paulo: Pioneira, 2000.